DIRECTOR A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL O. MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
25 DE MAIO DE 1962
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

A ÁFRICA

chama por nós

INICIATIVA DO NOSSO JORNAL

Ver páginas centrais

1 — ORGANIZAÇÃO DE JOVENS E PARA JOVENS

No passado dia 19 de Maio foi entregue ao Senhor Comissário Nacional Adjunto por alguns graduados de Lisboa, um documento no qual se pedia a satisfação de um número de aspirações dos graduados — porta voz dos Filiados —, portanto razão de ser da Organização. O documento assinado por todos os graduados em serviço nesta cidade, excepto quatro, segundo informações chegadas até nós, pedia que essas aspirações fossem realizadas até Outubro próximo, e o contrário implicaria que esses graduados signatários se afastem para sempre da Organização.

Várias vezes se tem dito que a M.P. é de Jovens e para Jovens. Muito eles têm pedido para a actualizar — basta ler as conclusões dos quatro Encontros de Graduados realizados — e em quase nada têm sido atendidos. Espera-se que tal slogan se efective, e, tudo leva a crer que sim, pois sabemos que o Senhor Comissário já teve várias reuniões com aqueles graduados após tal data e, que muito recentemente sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional anunciou que ia ser revisto o problema da Juventude.

2 — COMANDO DO CORPO NACIONAL DE GRADUADOS

O Comando do Corpo Nacional de Graduados é formado pelos comandantes de Falange em exercício e por três Comadantes de Bandeira para tal fim escolhidos pelos primeiros. Quem este ano olhar para a acção por ele desenvolvida muito tem a lamentar-se, em especial se a comparar com a obra que vinha a ser desenvolvida em anos anteriores. Estamos em crer que a inexperiência de muitos, a isto conduziu, mas não podemos deixar de os criticar na medida em que abandonaram os conselhos dos que mais têm acompanhado estes problemas, ou mesmo os viveram já. É certo que não se nasce para um lugar, mas sim há necessidade de se fazerem as pessoas para o poderem ocupar. Não raro acontece não serem as coisas como antes as havíamos imaginado e então ou nos adaptamos ou as abandonamos a quem melhor as saiba conduzir. A retirada, feita na devida altura, é uma ciência.

Exteriormente, podemos analisar a confusão que vai no Comando, pelo Talha-Mar. Como órgão do Comando que é, reflecte-o. Olhando-o, vemos tudo.

Outro ponto que se nos afigura fundamental é a não realização, este ano, do encontro de Graduados. Não somos daqueles que achamos ser necessário reunirmo-nos sempre para concluirmos coisas enquanto não realizarem aquelas em que já nos pronunciámos. O que achamos essencial, é que nos unamos para discutir os problemas que nos são inerentes e, da experiência de todos, achamos soluções para eles. Não somos contra a ideia da realização duma Escola de Quadros durante o Encontro, basta que para isso ela seja estruturada em moldes a coadunar-se com aquela actividade.

O que criticamos, isso sim, é o puro afastamento da ideia, que nos leva a perguntar se o próprio comando saberá o que seja um Encontro de Graduados.

3 — SEMANA DO ULTRAMAR

Está prestes a começar a Semana do Ultramar, que outro fim não tem que não seja chamar a atenção de todas as pessoas para que mais acentuadamente estudemos o Ultramar, uma vez que ele nos deve preocupar ao longo de todo o ano. É agora portanto a altura para perguntarmos a nós próprios o que fizemos até hoje para que o Ultramar ocupe na nossa vida e acção o lugar que lhe é devido. Não esqueçamos que o nosso primeiro dever é educar-nos a nós próprios. Estamos ainda a tempo: esqueçamos o que ouvimos quotidianamente a tal respeito e tentemos ter uma visão exacta do que seja o Ultramar Português.

4 — DIA DE PORTUGAL

Por todo o Mundo Português se festeja no próximo dia 10 o Dia de Camões e com ele a Lusitanidade. Por todo o mundo Portugal será relembrado, quanto mais não seja quando os jornais estrangeiros noticiarem que os embaixadores portugueses receberam cumprimentos pela passagem do Dia de Portugal. Haverá certamente quem se lembre do que fomos na época de seiscentos e tenha para nós uma palavra de gratidão. Outros e, infelizmente serão a maioria, nem sequer disso se recordam.

Em Lisboa no Estádio Nacional e a Juventude estará presente, em Fátima onde estão reunidas as crianças ou aí na Covilhã, onde vós estareis, façamos o propósito de engrandecer este país, para que todo o mundo, ao passar esse dia, nos recorde e se nos ache agradecido.

Solução das Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — Fel; mal; uva; 2—ele; elo; ser; 3—doa; ata; ora; 4—lateras; 5—Rá; dó; A.C.; sã; 6—ali; aro; 7—ur; rã; C.T.; lê; 8—bajular; 9—ama; una; Aar; 10—rol; sim; olá; 11—ala; ora; ais.

VERTICAIS: 1—Fedor; utara; 2—elo; Aar; mol; 3—leal; bala; 4—adira; 5—meato; ajuso; 6—alte; unir; 7—loara; clama; 8—acata; 9—usos; raça; 10—ver; sol; ali; 11—arara; eiras.

RUMO AO CAMPO

NOTA: Estudada que foi a nomenclatura da Tenda Canadiana, passamos agora a referir o restante material, tanto individual como colectivo. Assim, vamos quedar-nos no estudo do chamado «saco de dorso».

SACO DE DORSO — É esta peça também conhecida pelo nome de «saco alpino» e «saco de mochila», sendo de formato pequeno o primeiro e grande este último.

Tanto uns como outros podem ser providos de um, dois ou três bolsos exteriores, além do saco principal. Tanto o saco principal como os bolsos exteriores, são providos de tampas de pestana, tendo normalmente a do saco principal um bolso provido de um fecho tipo «eclair», e serve para o transporte de documentação e dinheiro.

É o saco alpino usado na prática do montanhismo, pois, sendo menor, proporciona melhor utilização, visto apenas ser necessário para o transporte de alguns alimentos e agasalhos, a partir do acampamento base.

Para o indivíduo que pratica campismo, sobretudo para o pedestrianista, é o saco de mochila, aquele que melhor se presta para o transporte de todo o necessário para a sua actividade.

Tanto uns como outros, podem ser providos de uma armação, feita de junco, arame ou tubo de alumínio, e, tem como utilidade, proporcionar uma maior comodidade ao campista além de conceder ao saco uma estabilidade muito maior.

Indicamos a seguir alguns géneros de sacos de dorso com e sem armação.

Um bom saco de dorso, tem a base do saco principal e dos bolsos, ligeiramente arredondada, pois sem diminuir a sua capacidade, tem um volume menor, proporcionando melhor comodidade de arrumação e transporte.

Na generalidade, os sacos de dorso, são fabricados em lona fina e impermeável tendo as pestanas do saco principal e bolsos guarnecidas de cabedal, a fim de as tornarem não só mais elegantes como resistentes.

Para a colocação dos sacos no dorso, são utilizados uns suspensórios confeccionados em precinta de algodão com a largura de 5 a 10 cm., sendo as armações, providas de um cinto, para não permitir que o saco baloice, durante o percurso a realizar.

Os francaletes existentes na parte exterior do saco principal, destinam-se ao transporte dos cobertores ou saco de dormir, embalados.

NOTICIÁRIO

Realizou-se no pretérito dia 12 e 13 de Maio, um bivaque realizado pela Direcção do Curso de Arvorados em Comandantes de Castelo «Maciel Chaves», para treinamento nas actividades de campo, dos 10 elementos que frequentam o referido curso. Estiveram presentes a orientar os filiados, os A.Q.G. Dr. Leite de Castro e o A.I. José Bordadágua bem assim como o C. C. José A. Rolão Bernardo.

Realizou-se a montagem do campo, nas proximidades do local denominado Sete Fontes, depois de uma marcha a pé, desde a cidade, marcha essa que se realizou debaixo dum céu por vezes carregado de ameaças pluviosas, que longe de desanimar antes tornou conhecido o grau de disposição dos rapazes.

Se as condições climatéricas não se apresentaram favoráveis tal foi compensado com o ânimo e alegria com que os bivacados aguentaram os reveses do tempo, pois durante toda a tarde de sábado, choviscou, o que nem sequer privou de serem preparados os alimentos que constituiram o jantar daquele memorável dia.

À noite, depois do jantar, procedeu-se à realização da simbólica chama, que decorreu no meio da maior animação e onde os alunos do curso de Arvorados, revelaram os seus dotes de cantores, na execução de alguns números colectivos, de bastante agrado.

Passada a noite na maior calma possível, tratou-se pela manhã de proceder à confecção do pequeno almoço.

Passou-se a manhã inteira, no ar-

(Continua na 3.ª página)

VIVÊNCIA DE CAMÕES E DO SEU POEMA

pelo DR. ABRANTES DA CUNHA

Camões é Portugal feito carne e alma. Nele se espelham as qualidades do homem português. Aventureiro, deixou pelo mundo «a sua alma em pedaços repartida». Navegador da época heroica da Nação

que «novos mundos ao Mundo» foi abrindo, de tão temerária audácia que «se mais mundos houvera lá chegara». Heroico mas abnegado, como o povo que do auxílio decisivo da Batalha de Ourique, apenas consentiu retirar-se com as bandeiras do inimigo desbaratado.

Se Camões é o símbolo da raça portuguesa até no sentimento tão estranho da saudade que sempre lhe fez sangrar o coração, a sua obra teria de ser, por consequência lógica, a mais bela e magnífica expressão do seu génio: da sua cultura, da sua arte, dos seus sentimentos e da sua história.

É por isto que Camões e os «Lusíadas» têm sido sempre o último refúgio nas horas de angústia da Nação Portuguesa. A eles se tem recorrido sempre em busca ansiosa de remédio para as desgraças, de alento de energias nas horas de dúvida, de novas fontes de coragem e de heroismo nos momentos difficeis de abandono e de luta. Foi assim durante os sessenta longos anos de tristeza e vilipêndio do domínio castelhano. Voltou a ser assim na altura do «Ultimatum». Em ambas ocasiões Camões e o seu poema foram invocados amorosamente por todos e por todos venerados como elemento vivificador da heroicidade portuguesa.

A história, repetindo-se, traz-nos presentemente um momento de crise nacional não menos grave, por certo muito mais grave, de quantos a roda da fortuna nos fez viver até hoje. Preciso se torna, portanto, de revertermos neste momento a essa fonte inesgotável de amor pátrio, de consciência nacional e de inesgotável tesouro de entusiasmos heroicos.

Já nos foi arrebatada a India por onde o poeta batalhou e sofreu, por onde derramou muito do seu sangue, onde a sua musa lhe inspirou a visão magnífica da epopeia portuguesa em toda a sua profundidade e beleza. Não deixemos que parcela alguma mais do território se perca, porque corremos o risco de perdermos tudo, até nos perdermos a nós mesmos. Tudo tem de ser salvo, de contrário tudo estará perdido.

Os tão apregoados «ventos da história» que povos sem história se não cansam de soprar têm espalhado pelo mundo mentira, insânia e ódio. A eles teremos de preferir a brisa da verdade, da prudência e do amor que exalam as sublimes estrofes dos «Lusíadas». Temos que nos agrupar todos à volta deste génio — Camões — e desta bandeira — «Os Lusíadas» — para sobreviver e, até, para criar novos Brasis na Africa que desvendámos e civilizámos desde há cinco séculos. Com a lição dos «Lusíadas» faremos do Atlântico um lago lusitano, bordado por lusitanas nações na Europa, na América e na Africa. Só então se achará realizado o grande sonho do Infante que informa a moderna concepção da «Comunidade Luso-Brasileira».

Não haverá mais um Portugal e um Brasil. Haverá, sim, real e efectivamente, uma comunidade lusitana de nações nascida do velho e robusto tronco do pequeno Portugal, que se expandiu nos frondosos ramos do Brasil, das ilhas do Atlântico, da Guiné, de Angola e de Moçambique.

Que perspectiva admirável, que possibilidades magníficas não oferece um mundo desta natureza, não já apenas no campo económico, mas também, e principalmente, no da estabilidade e da paz do Mundo!

O Mundo lusitano, surgido do cristianismo e cristão por excelência, trará para as relações internacionais o peso valioso e poderoso da verdade, da sinceridade e do amor do próximo, o novo mandamento que Cristo veio trazer à terra. Sem a prática da doutrina cristã não haverá amor. Sem amor não poderá haver paz.

É esta lição de amor que Portugal deu, dá e pretende continuar a dar a todos os povos, sem distinção de raças ou de cores. Foi essa a lição que recebeu no berço. Foi pelo amor que Portugal se fez nação a que foi confiada a missão sublime de espalhar pelo mundo o amor do próximo quando Cristo
«...lhe deu por armas e deixou
As que ele para si na cruz tomou»

Rumo ao campo

(Continuação da 2.ª página)

ranjo do campo e instrução geral, procedendo-se em seguida à preparação do almoço, que teve lugar pelas 12.30 h.

Pelas 15 h. procedeu-se à desmontagem das tendas e arrumação do material, operação essa que viria a findar pelas 16 h.

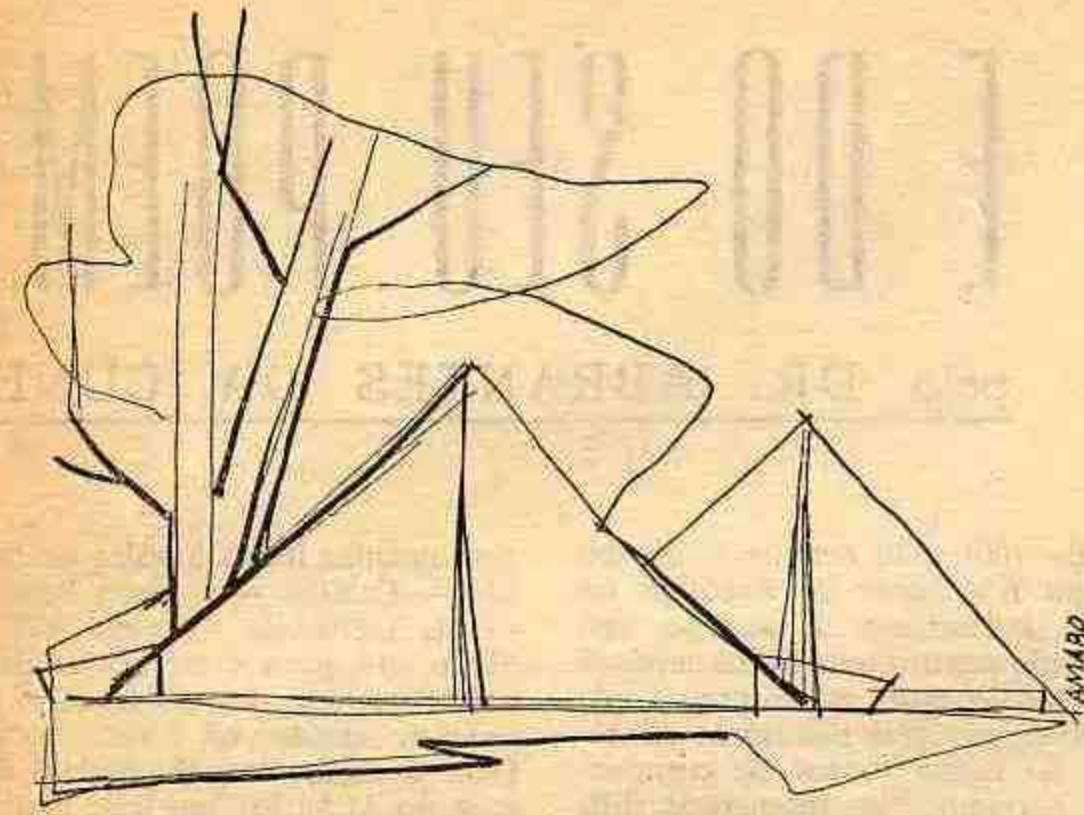
Procedeu-se em seguida ao abandono do local, depois da tradicional revista de inspecção, em auto stop, operação essa que não chegou a demorar meia hora, graças aos amigos que por aquela estrada passaram e que muito gentilmente acederam em conduzir os rapazes aos seus lares.

Não sei se os estimados leitores já verificaram que o total de presenças neste bivaque era de 13 pessoas. Que poderá a superstição contra tal gente?

Eram 13 pessoas e ninguém se apercebeu de tal. Porquê? A explicação é muito simples. Com essas 13 pessoas, um outra se encontrava presente, era o Ideal. Velho Ideal que nos levas a prosseguir na senda do belo e do desconhecido, no caminho da Honra, Dever, Serviço e Sacrifício.

B.

O nosso Director e o Chefe de Redacção oferecem a Sua Excelência o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional uma colecção do nosso Jornal.

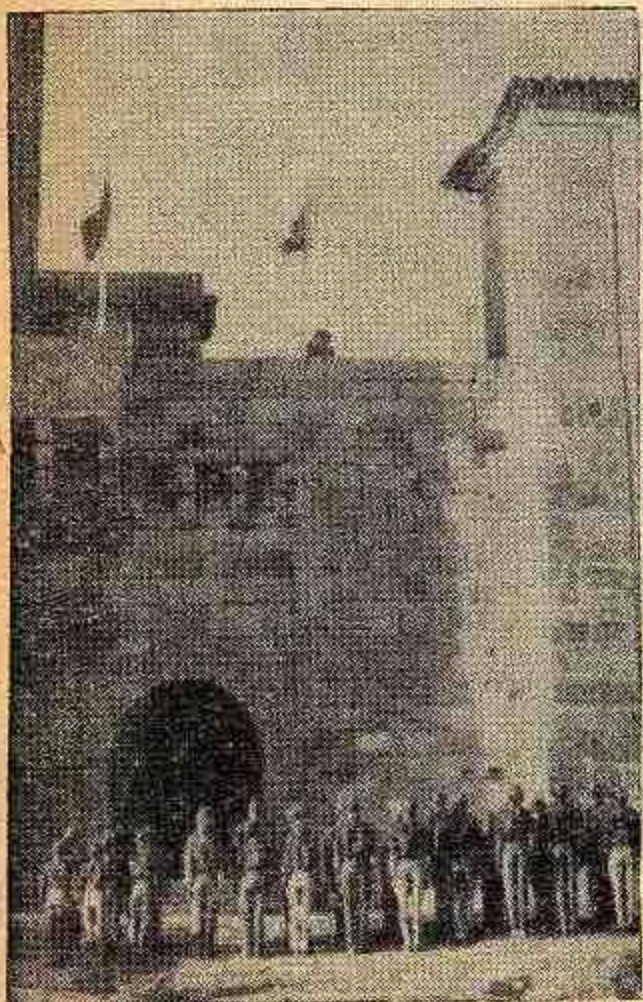
ACAMPAMENTO — ALTA E IDEAL CIDADE

Cidade nossa, o nosso **A**campamento
pressupõe todo um mundo organizado,
mundo feliz por ser disciplinado,
onde a **V**ida é contínuo movimento.

Onde horas altas vive o **P**ensamento,
em vibração de **I**deal alevantado,
onde o esforço é melhor e mais ousado,
onde somos **P**ortugal em crescimento!...

Acampamento — alta e ideal cidade!
Pudesse o **M**undo ser um **A**campamento
vivendo, como os nossos, da **A**mizade...

Acampamento — alta cidade erguida,
onde há jóvens amando um **P**ensamento:
— que a vida, cada vez mais, seja **VIDA!**

Eugénio d'Ascenção

Segundo o plano elaborado pelas Quinas de Rumo ao Campo que nas férias da Páscoa, acamparam em Belmonte, realizou-se nesse mesmo local o nosso acampamento «Pedro Alvares Cabral», nos dias 19 e 20 de Maio. Pelo Dr. Abrantes da Cunha foram nomeados para Director e Subdirector do Acampamento o A.Q.G. Leite de Castro e o A.I. José Bordalágua.

...Onde há jovens amando um Pensamento

O comando esteve a cargo do C.C. José Alberto Rolão Bernardo, comandante de instrução do Centro.

Este acampamento foi dedicado aos novos Chefes de Quina mas teve, igualmente, a comparticipação dos filiados do Curso de Arvorados que foram acompanhados pelo seu Director A.Q.G. Dr. Fernando Bernardo Panarra.

Os filiados, dois castelos aproximadamente, chegaram à Estação de Belmonte pelas 15,30 horas e fizeram, depois, uma marcha de cerca de 4 quilómetros para o Castelo.

A população da Vila que lhes dispensou a mais simpática e entusiástica recepção o nosso obrigado muito reconhecido. Poucas vezes nos foi dado observar um tal interesse nos meios urbanos por um acampamento da M.P.

Pudesse o Mundo ser um Acampamento vivendo, como os nossos, da Amizade

A Câmara Municipal além de facilidades e ajudas de toda a ordem teve, ainda, a gentileza de mandar iluminar o castelo que ficou, assim, de rara beleza.

A chama da Mocidade, que foi acesa pelo Prof. Joaquim José Miranda, Vereador da Câmara Municipal em representação do seu Presidente, decorreu com o entusiasmo, alegria e graça que lhe são peculiares.

O Director do Centro fez o seu encerramento e dirigiu aos presentes uma vibrante oração de grande ardor patriótico.

Presidiu às orações da noite o Rev. A.Q.G. Padre Manuel Marques, Pároco de Belmonte e Director do C.E. 1 da M.P. nessa ala.

No dia seguinte depois da limpeza do acampamento fomos ouvir missa na antiga capela paroquial. O Santo Sacrifício da Missa foi celebrado no altar de Nossa Senhora da Piedade.

ACAMPAMENTO — ALTA CIDADE ERGUIDA

À homília o Pároco de Belmonte proferiu uma verdadeira lição de amor a Deus e à Pátria que calou fundo no espírito de todos nós.

O C.N.E. sob o comando do seu Chefe Regional Albino da Fonseca e as Guias de Belmonte, dirigidas pela Senhora D. Maria Eduarda Morgadinho, visitaram em seguida o Acampamento onde foram recebidos pelo seu Director.

O Senhor Reitor e sua Esposa presidiram, depois, a um almoço em que estiveram além dos representantes da Câmara, do C.N.E. e do «Jornal do Fundão» o Rev. Pároco e o Dr. António Rocha.

...mundo feliz por ser disciplinado

As Senhoras de Belmonte foram duma generosidade extrema para connosco tendo enchido a tenda dos abastecimentos com os mais variados e deliciosos bolos.

E se quando partimos deixámos já saudades (há quem o diga...) o que ouso afirmar é que trouxemos a boca doce...

António Reis Pedroso
(A.C.C.)

...em vibração de Ideal alevantado

«PÁTIO»
UM NOVO JORNAL ACADÉMICO

Aberto a todos os estudantes liceais começou a publicar-se em Coimbra um jornal que vem preencher uma grande lacuna na imprensa académica e prestar à nossa causa de estudantes portugueses que acima de tudo se preparam para servir Portugal, um grande e valioso auxílio.

«Chama» sauda e felicita a brava equipa que trabalha no «Pátio» a quem promete todo o apoio e colaboração.

Lutamos por finalidades idênticas, unem-nos os mesmos ideais, professamos a mesma fé e é com a maior alegria que vemos na nossa barricada mais uma frente combativa e leal como é a do «Pátio».

Com óptima apresentação gráfica, colaboração literária de grande variedade e mérito «Pátio» é um jornal que tem diante de si um largo futuro.

Na pessoa do seu Director o estudante do 7.º ano Rui Martins Borges, felicitamos a todos quantos mantêm acesa a chama moça, patriótica e bem portuguesa do «Pátio», que fazemos votos jamais se apague, para que junto dela brilhe sempre bem alto e de forma bem patente o amor, a dedicação e o espírito de sacrifício da nossa juventude pela Pátria que havemos de defender contra tudo e contra todos.

«Chama» orgulha-se de arquivar nas suas colunas o artigo Carta aberta para «alguns» publicado no 5.º número do «Pátio» e para o qual chamamos a especial atenção dos nossos leitores.

Escutai: Porque não quereis aceitar ,duma vez para sempre, que nós já somos demasiado crescidos para sermos considerados ainda como crianças? Não pretendemos ser tratados como homens feitos: somos lúcidos e sabemos que isso seria proceder incoerentemente. Mas... crianças, não! Principalmente quando isso é sinónimo de ovelhas. Espantais-vos? Ovelhas, sim. Esse meigo, doce e útil quadrúpede que, em regra, vive agrupado com outros seus semelhantes. «...Andam pastores pelos montes, juntando os rebanhos...» Assim quisésteis vós fazer connosco: arrebanhar-nos. Só que em vez de varapaus e ladridos de cães, viésteis com palavras atraentes e estudadas, procurar envolver-nos nas malhas das vossas redes, bem tecidas na dialéctica desses novos métodos de caça que os nossos olhos de ainda-não-homens mas também não-crianças, não era de esperar que já conhecessem.

Falásteis-nos mais ao coração que à razão — o coração dos jovens costuma ser generoso e impulsivo. Atraíste-nos com promessas novas, cheias de brilho e revelação — abolição dos «preconceitos» que restringiam a nossa liberdade... a realização dos nossos desejos de «convívio e intercâmbio»... o estudo dos «grandes problemas» do nosso meio ...a defesa perante o «despotismo» dos professores... etc., etc., — fiados de que, como seria natural em crianças, nós nos deixássemos atrair sem restrições, pela «generosidade» e «necessidade» da causa que nos propúnheis. Afinal — o que pode considerar-se como uma nítida prova de precocidade — não deixámos que o sentimento nos empurrasse para uma atitude menos consciente e racional. E, por isso, metemos a razão, a nossa razão, a verificar a solidez dessa magnífica estrutura que nos era oferecida. E... que desilusão!... Vimos sem custo que, por trás da «...mão direita cheia de dádivas»..., tínheis «as mãos manchadas de iniquidade». Quando vos pedimos esclarecimentos e justificações, sentísteis que o rebanho se tresmalhava ainda antes de formado. E reagísteis violentamente, irritados por não nos portarmos de acordo com a nossa condição pressuposta (que grande erro!...) de crianças-ovelhas obedientes e confiantes. E, irreverentemente, chegámos ao cúmulo de nos rirmos das vossas palavras e troçarmos dos vossos gestos. «Quem se mete com garotos...»

Não temos pena de vós: foi conscientemente que quisésteis vir enrodilhar-nos nos torvelinhos das vossas manobras sombrias. Pelo contrário: declaramo-nos contra vós: temos ideias nossas que nos apontam caminhos a percorrer e ideias que queremos defender nos combates dessa guerra-de-mesa-de-café-e-grandes-assembleias, que procurais impor-nos. Podeis chamar-nos, com um pretenso sorriso de desprezo cínico, meninos inconscientes..., burgueses..., não evoluídos..., etc.». Nós ficaremos a rir das vossas intelectualizadas obscenidades porque sabemos que, no fundo, tendes medo de nós e não estais muito convencidos do que dizeis.

Sòmente conseguis ter poder em rebanhos de ovelhas onde há homens — nem são precisos homens, quase-homens como nós, e já o suficiente — os vossos passos tornam-se inúteis. Temos a consciência de defender verdades justas e eternas, que por isso mesmo transcendem o sentido mesquinho das vossas teorias vazias. Não queremos esse mundo diferente e novo que nos viésteis oferecer: vendo bem as coisas, não nos sentimos tão mal com o «despotismo» dos nossos mestres que precisemos de nos sindicalizar contra eles; quanto às nossas necessidades de ordem pedagógica cultural e social», sinceramente, não temos a pretensão de as «tentar resolver por nós mesmos», além de que acreditamos na boa vontade e na maior competência doutros mais velhos e experimentados; sobre

(CONTINUA NA PÁGINA DEZ)

CRUZEIRO GAGO COUTINHO—EXPOSIÇÃO

Em conclusão da série dos artigos «Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho» foi patenteada ao público covilhanense durante 10 dias uma exposição retrospectiva desse Cruzeiro com dezenas de fotografias, objectos de arte indígena e quadros com motivos angolanos que despertou na cidade o maior interesse.

Partiu esta feliz iniciativa do Director da Página do Ultramar da «Chama» e foi graças ao seu trabalho e entusiasmo sem par que se ficou a dever o sucesso desta Exposição, em boa hora trazida à Covilhã.

Mais de mil pessoas passaram pelos salões de turismo e todas elas revelaram o maior interesse e tiveram palavras de cativante gentileza para o nosso empreendimento.

A Nação vai, felizmente, tomando consciência do que são, do que valem e significam as nossas províncias do Ultramar.

A INAUGURAÇÃO

A Exposição foi inaugurada a 29 de Abril pelo Delegado Distrital Dr. José Catanas Diogo tendo estado presentes ao acto as autoridades religiosas, civis e militares do Concelho.

Propositadamente deslocou-se à Covilhã o C.F. Luciano Duarte Calheiros, 2.º Comandante do Cruzeiro, que quis ter mais essa deferência para com o nosso Centro onde conta com bons amigos.

Depois do nosso Delegado Distrital ter cortado a fita simbólica das cores de Angola ouviu-se o Hino Nacional a que se seguiu a marcha patriótica «Angola é Nossa».

Em nome da «Chama» o nosso Director agradeceu ao Delegado Distrital a honra que nos deu presidindo a esta inauguração.

VISITA DO SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

No dia 5 de Maio dignou-se visitar a Exposição do Cruzeiro Gago Coutinho o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Dou-tor Carlos Eduardo Soveral.

O Sr. Subsecretário acompanhado pelo Governador Civil de Distrito e as mais representativas autoridades locais e de Castelo Branco chegou ao Salão de Turismo pelas 15 horas onde era aguardado pelo Reitor do Liceu, Vice-Reitora, Directores de Ciclo e muitos professores. Estava, igualmente presente o Director da «Chama» e todo o Corpo Redactorial.

Prestava guarda de honra um castelo da M.P. sob o comando do C.C. José Alberto Rolão Bernardo.

Durante a sua visita o Dr. Carlos Eduardo Soveral chamou a atenção por mais de uma vez para a situação do nosso Ultramar e para a necessidade urgente da juventude encarar com o realismo que se impõe os seus problemas mais delicados.

Ao Sr. Subsecretário foi oferecida pelo Chefe da Redacção de «Chama» uma colecção do nosso jornal.

«Chama» termina assim a série de artigos relacionados com o Cruzeiro. Este retorno teve por fim lembrar a quem de direito que se espera que esta iniciativa não tenha sido algo isolado.

Compreendendo a pausa até aqui efectuada deixamos de encontrar motivos que prejudiquem a continuação do plano de Intercâmbio da Juventude. Sabe-se ser algo de necessário, analisado sob qualquer ponto. Espera-se, portanto, que se reconheça a imperiosidade de tal necessidade.

A Juventude está sempre pronta a bater-se no caminho da verdade; basta para isso que compreenda que essa verdade existe.

Numa altura em que muitos, não pròpriamente jovens, descrêem, muito pode a M.P. contribuir para o que se julga de essencial.

Os Cruzeiros são, sem dúvida, meios para esse fim.

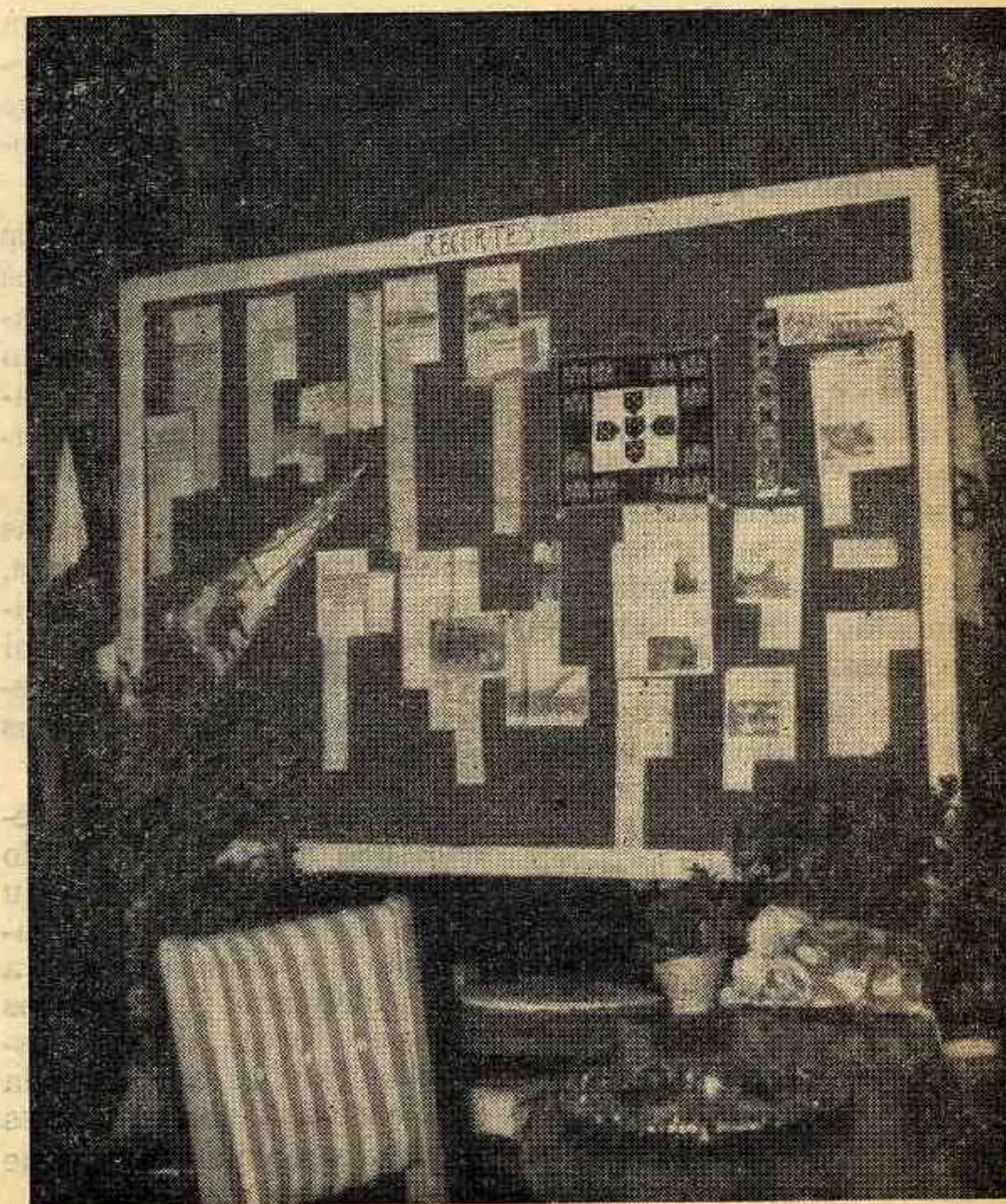
José Proença Mendes
(C.C.)

O C.F. LUCIANO CALHEIROS, UM DOS PARTICIPANTES NO CRUZEIRO, ACOMPANHA O DELEGADO DISTRITAL NA SUA VISITA INAUGURAL

ANGOLA É BEM DIFERENTE DO QUE MUITA GENTE PENSA. QUEM A ELA CHEGA SENTE SE SURPREENDIDO PELA REALIDADE, POIS JAMAIS SONHOU SER TAL TERRA ASSIM. TEMOS QUE NOS INSTRUIR SOBRE A VERDADE DO NOSSO ULTRAMAR, POIS SÓ DESSA CONSCIENCIALIZAÇÃO PODEMOS COMPREENDER O QUE VALE A NOSSA MISSÃO CIVILIZADORA

O SENHOR SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO NACIONAL SEMPRE TEM CHAMADO A ATENÇÃO DA JUVENTUDE PARA O PROBLEMA ULTRAMARINO. ESTA EXPOSIÇÃO MOSTROU QUE A JUVENTUDE NÃO DESCUIDA TAL PROBLEMA

AS FOTOGRAFIAS MUITO NOS MOSTRARAM. VIMOS ALGUNS OBJECTOS QUE SÓ CONHECIAMOS DE NOME OU FOTOGRAFIA. ANGOLA CONHECE E SENTE O QUE SEJA PROGRESSO

A IMPRENSA DEU SEMPRE O MELHOR ACOLHIMENTO AO CRUZEIRO, POIS COMPREENDEU O SEU VERDADEIRO SIGNIFICADO

O Estado Português da India depois da invasão

ARTIGO DO C. F. CELSO SILVA

O Estado Português da India viveu horas difíceis e fatais para a Nação, em 18 de Dezembro do ano que findou.

A data é inesquecível, pois foi o dia em que a União Indiana invadiu a minúscula Goa com as suas poderosas forças de terra, mar e ar.

Nós, os filiados da Divisão do Estado da India, conscientes dos ideais sublimes que regem a Organização Nacional M.P., dentro das fracas possibilidades, estivemos de alerta para tudo que pudesse ser necessário.

A Companhia de Milícia 1, aguardava o momento da chamada, que infelizmente não veio.

Surgiram grupos de voluntários e até graduados por iniciativa própria, envergando com dignidade a camisa verde, na altura em que reinava a maior indecisão e confusão, demandaram o Comando Militar para se oferecerem.

Após a efectivação do crime levado a cabo pela União Indiana vimos com grande tristeza e desânimo, a extinção ilegal da nossa querida Organização naquela Província, ordenada pelo Governo Militar indiano implantada em Goa.

Houve tentativas de reacção, mas tudo foi em vão.

A M.P. não ficou inerte perante o desenrolar dos acontecimentos em Goa, após a invasão.

Somos as próprias testemunhas de vários casos em que se reafirmou a lealdade a Portugal, não obstante a aguda pressão exercida por agentes indianos, sobre a juventude portuguesa, que por nada trocava a nacionalidade trazida há séculos.

Não será demais lembrar, que a juventude goesa — filiados da M.P. bateram-se em campo aberto contra aqueles que por força, ofereciam situações contrárias às que nós sempre nos comprometemos a defender.

Nos estabelecimentos de ensino onde estão integrados os Centros da M.P. os rapazes, manifestando bem alto o repúdio pela situação, entregaram-se a actos que significavam o protesto.

As autoridades indianas intervieram várias vezes, com o objectivo de condenarem os autores, mas tudo foi bem inutilizado pela extrema unidade entre os filiados da M.P.

Podemos afirmar sem receio, que a M.P. do Estado Português da India cumpriu o seu dever perante a Organização e a ela reafirmam a sua fidelidade, os filiados que por forças de circunstâncias lá ficaram naquela Goa cativa, e todos aqueles que abandonaram a terra que os viu nascer e crescer.

CAMÕES

Por entre as densas brumas da História
E por entre os heróis já do passado
Conservaremos sempre na memória
Aquele de todo o mundo celebrado.

Tu és aquela luz que não se apaga
Tu és, grande Camões, sempre imortal
Pois essa tua Musa nunca acaba
Mostrando ao mundo o nosso Portugal!

Maldita seja a hora em que morreste.
Bendito seja o dia em que nasceste
Para cantares os feitos portugueses

Pois nesse dia sempre imorredoiro
Dia escrito na História a letras d'oiro
Nasceu o poeta, herói mil vezes!

ANTÓNIO REIS PEDROSO

Beato Francisco Alvares

Patrono do Núcleo da L.I.A M. do Liceu

Coadjutor da Companhia de Jesus, nascido na Covilhã, ingressou na Companhia em 21 de Dezembro de 1564. Foi companheiro de martírio do Padre Inácio de Azevedo.

A leva missionária que de Lisboa partiu com este, em 1570, na nau de Santiago, era de mais 40 entre padres e irmãos. Aportou primeiramente na Madeira, onde recebeu carga destinada à Ilha da Palma do arquipélago das Canárias. Como a zona marítima entre a Madeira e Canárias estava, nessa altura, cheia de corsários franceses huguenotes, Azevedo reuniu os jesuítas, fez-lhes ver o perigo que corriam e perguntou quem se oferecia a segui-lo. Francisco Alvares foi um dos muitos que se ofereceram, mostrando assim uma enorme coragem, pois sabia que tinha de lutar pela fé.

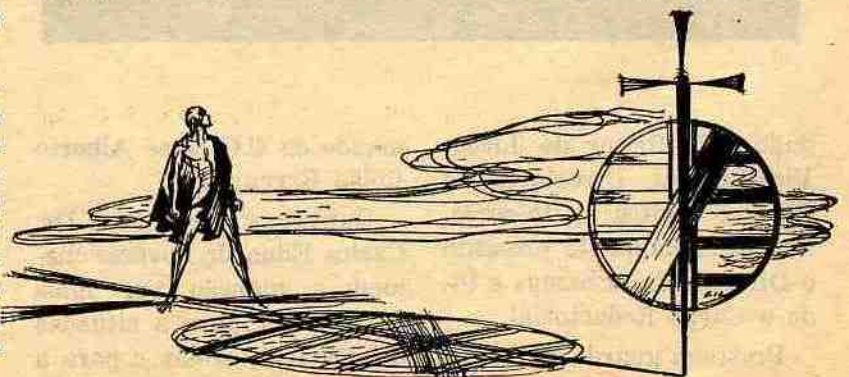
E assim se embrenharam nas traições do mar, repleto de ameaças...

Não chegaram, porém, ao seu destino, porque, a 15 de Julho, a nau foi assaltada e capturada por um corsário francês calvinista, Jacques Sória.

Então, assiste-se à desumana mortandade de todos os jovens continuadores da obra de Loyola. Um a um proclamaram o ardor da sua fé e a sua total fidelidade a Cristo. Francisco Alvares é dos primeiros sacrificados, sendo apunhalado e lançado às ondas cruéis e traiçoeiras ainda vivo.

Esta trágica jornada embora na aparência seja uma derrota, foi, afinal, uma vitória, pois levantou novas legiões de missionários, despertou novo entusiasmo pela missionação e acendeu novas labaredas de fervor cristão.

Logo após este triste acontecimento, a Igreja considerou mártir da Fé esse bem-aventurado mártir; em 8 de Abril de 1854 é beatificado por escrito da Sagrada Congregação dos Ritus Sanctis suis, confirmado pelo Papa Pio IX a 11 de Maio do mesmo ano. A sua festa litúrgica é marcada a 15 de Julho — data em que o missionário de Jesus Cristo sofreu a morte mais cruel em homenagem à grandeza do seu Deus, confirmação da sua Fé e verdade do seu Credo.

MARIA M. MOURA E SILVA

A visita do C. E. 1 de Castelo Branco

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA DOZE)

ria Berta Pimenta, dirigente da M.P.F.; Director do Curso de Chefes de Quina «Infante D. Fernando» e o Comandante de Instrução do C. E. 2 da Covilhã.

Depois de se ter cantado a marcha da M.P. foi lida a Ordem de Serviço do Centro pelo Comandante da Instrução C. C. José Alberto Rolão Bernardo.

Falou em primeiro lugar o Chefe da Secção de Camaradagem do Centro Escolar 2 da Covilhã C.C. José Proença Mendes a cargo de quem estava a recepção dos filiados e que para o seu bom êxito se não poupou a esforços.

Em breves palavras saudou os dirigentes e colegas de Castelo Branco tendo uma referência especial para os novos chefes de quina de ambos os Centros que em breve receberiam as suas insígnias.

Agradeceu, depois, à Direcção do Centro a colaboração que lhe foi dada para realizar esta festa de camaradagem e distinguiu a valiosa ajuda da M.P.F. sempre pronta a dar o seu auxílio.

Falou em seguida o Director do C. E. n.º 2.

O sr. dr. Abrantes da Cunha agradeceu ao Delegado Distrital a honra que a todos dava a sua presença e o ter escolhido o Liceu da Covilhã para a imposição das insígnias aos filiados do Liceu de Castelo Branco que tinham frequentado o Curso «Heróis de Mucaba».

O C. C. Jorge da Conceição Ferreira leu, seguidamente, os preceitos do Bom Filiado e os novos chefes de quina de ambos os Centros renovaram o seu juramento.

Após a imposição das insígnias usou da palavra o Delegado Distrital.

O sr. dr. Catanas Diogo agradeceu a recepção prestada à embaixada albicastrense, disse do seu muito agrado por se encontrar de novo na cidade da Covilhã, que tanto admira e por visitar mais uma vez o C. E. 2.

Fez depois uma breve exortação aos novos chefes de quina animando-os no cumprimento dos seus deveres de estudantes e de filiados.

Primeiro posto da escala de Chefes: primeira grande responsabilidade

A sessão terminou com o Hino Nacional cantado por toda a assistência.

ACTUAÇÃO DO GRUPO DE ACORDEONS

Depois da sessão solene foi-nos dada apreciar o conjunto de Acordeons de Castelo Branco que pela primeira vez se apresentou nesta cidade.

É seu dedicado director o prof. António Garrido Carrega a quem se deve muito do alto nível atingido por este conjunto.

Tivemos o prazer de ouvir maravilhosas interpretações de música ligeira e de folclore que trouxeram à nossa festa uma agradável nota de alegria e de arte.

Felicitamos sinceramente o Liceu de Castelo Branco por este conjunto que muito concorre para a divulgação e conhecimento da música, tão necessário à formação e à cultura da juventude.

Juventude de hoje, certeza de amanhã

Realizou-se em seguida uma merenda de confraternização entre os filiados de Castelo Branco e da Covilhã a que assistiram os dirigentes dos dois Centros e muitos professores do Liceu da Covilhã.

Aos brindes falaram o Director do C. E. 2 da Covilhã, o Director do Curso de Chefes de Quina «Infante D. Fernando», o dr. João Frade Correia e por último o Delegado Distrital.

Das palavras do sr. dr. Catanas Diogo queremos fazer uma referência especial àquelas em que evocou o dr. Malcata Julião que no ano passado exerceu as funções de Director do C. E. 1 de Castelo Branco, nosso muito querido e especial amigo, actualmente em serviço como capitão miliciano na nossa província de Angola.

A referência a este dirigente foi acolhida por todos com uma sincera salva de palmas.

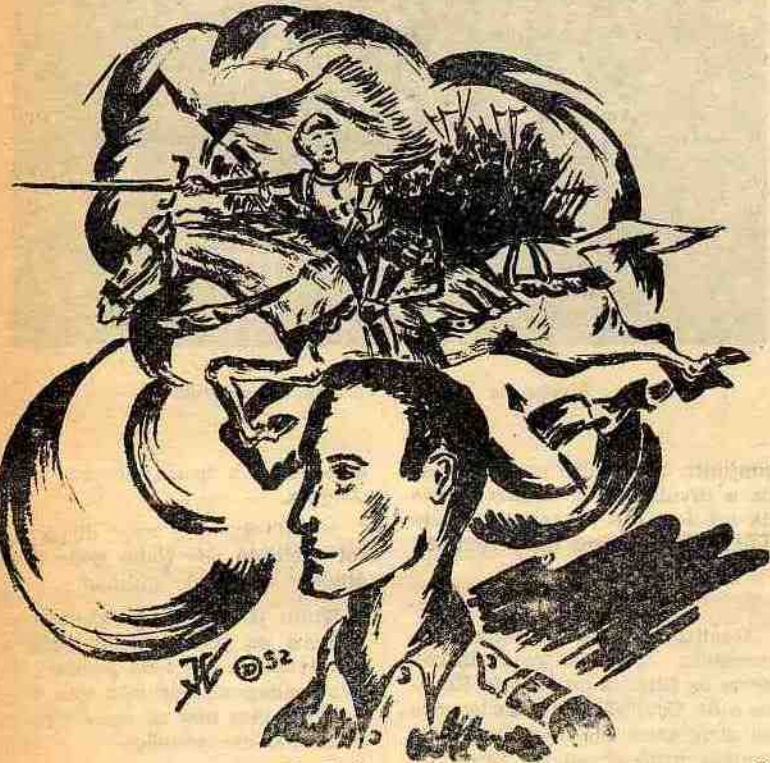
Eram já 19,30; aproximava-se a hora da partida que viria a pôr termo a tão bela jornada de camaradagem, jornada que deixou a todos nós as mais gratas e amigas recordações.

Para terminar estas breves notas de reportagem, felicitamos a secção de camaradagem, agradecemos à Direcção de Centro, e dum modo muito especial testemunhamos à sr.ª D. Fernanda Aurea Cruz Gomes o nosso reconhecimento pelo contributo que todos souberam dar para esta bela festa, que tanto virá a contribuir para a união dos Liceus de Castelo Branco e da Covilhã.

Unidos continuaremos Portugal

«AQUELES QUE POR OBRAS VALOROSAS SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO»

Aqueles que canta o poeta dos poetas, e que por feitos afastaram o véu do esquecimento, eram, melhor, são ainda, os fundamentos, os pilares da nossa nacionalidade; são a incarnação daquilo que todos e cada um de nós gostaria de ser; são os defensores das ideias que ainda hoje são as nossas, e pelas quais desejaríamos também fazer o que por eles foi feito alguns séculos atrás.

agora no seu seio. Essa terra que muitas vezes bebeu o seu sangue, ouviu as suas preces, sofreu com os seus gemidos e vibrou com os seus hinos e clamores de vitória e de glória. Essa terra mil vezes sagrada, mil vezes altar de sacrifícios, mil vezes teatro de heroicidades. Essa terra em que nascemos, que pisamos e chamamos Pátria. Ela é o legado daqueles que nunca esqueceremos que no-

Sim, libertaram-se da Lei da morte, porque estão sempre presentes nos momentos difíceis, a mostrar o caminho da honra e do dever, pelo qual eles galhardamente arriscaram ou cederam a própria vida. Não os esquecemos, Porque nos orgulhamos deles, de pertencer à mesma raça, de ter visto a luz sob o mesmo céu, de pisar a mesma terra que os acalentou e que os guarda

-la legaram para que os não esquecêssemos e para que os imitassemos para por ela nos tornarmos também heróis se nos for dada a ocasião.

«Aqueles que por obras valorosas se vão da Lei da Morte libertando» cantava o poeta. E ele sabia o que dizia, pois que a sua obra lhe abriu também as portas da celebridade eterna.

Maria M. Moura e Silva

"PÁTIO"

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA CINCO)

«convívio e relações entre sexos», também discordamos, porque esse campo para nós representa algo mais que essa simplicidade materialista que lhe imputais. Somos por uma ideia de unidade e cooperação entre todos, professores e alunos, governantes e governados, pais e filhos. Somos pela realização absoluta do homem, corpo e espírito e não pela «solução do homem pelo homem». Enfim, não vale a pena continuar. Já nos conhecemos o suficiente. A luta ainda mal está iniciada e por isso não nos faltarão ocasiões de voltarmos a encontrar-nos. Vamos terminar e... a rir. Sim, a rir, porque não? É que... reconhecemos que somos um bocado crianças: gostamos de flores, de futebol, de livros de aventuras, de céu azul... E, no fundo, sempre temos um bocado pena de vós: afinal, a vossa vida é só feita de gritos de revolução, de reivindicações demagógicas, de termos filosóficos... Tudo tão árido, tão triste... Quem sabe? Talvez que não passeis de pobres ovelhas perdidas, dum grande rebanho à deriva por esse mundo de Cristo.

Escutai: Vós... nem sequer gostais de rebuçados?

Um de nós

VICTOR CEPEDA MANGERÃO

movimento

III CURSO DE CHEFES DE QUINA

Patrono «Infante Dom Fernando» — Divisa «Heroísmo e Sacrifício»

CLASSIFICAÇÃO

MUITO APTOS

António Alfredo Quintela
João Augusto Nunes Correia
João Fernandes Chendo
Ilídio da Conceição Filipe
Jerónimo Alberto Salvado.

APTOS

Luís Alberto Pires Marques
António de Sousa Aguiar Carrilho
José Augusto Saraiva Mendonça
Alexandre Conde Sá Lima
António Ferreira Ramalho
António Manuel de Campos
António Luís Esteves Gil
Vitor Manuel Martins
Alvaro José Arnaut Nunes Duarte
Luís Filipe Carreira Rosa

Tiveram assiduidade exemplar os seguintes filiados:

João Augusto Nunes Correia
João Fernandes Chendo
Jerónimo Alberto Salvado
José Augusto Saraiva Mendonça
Alexandre Conde Sá Lima
António Ferreira Ramalho
António M. Campos
António Luís Esteves Gil
Vitor Manuel Martins
Luís Filipe Carreira Rosa

É de notar que os outros filiados perderam a assiduidade exemplar ùnicamente por uma falta, o que bem revela o interesse com que acompanharam o curso.

O 3.º Curso de Chefes de Quina que foi dirigido como os anteriores pelo A.Q.G. Leite de Castro teve por comandante o C.C. Jorge da Conceição Ferreira.

É de justiça referir e assinalar o mérito, zelo e dedicação que o C.C. Jorge Ferreira revelou ao longo de todo o curso não se poupando a esforços e sacrifícios para bem cumprir pelo que merece ser

C.C. Jorge Ferreira

apontado como um exemplo a seguir.

Felicitamos os novos Chefes de Quina de quem o Centro, estamos certos, muito tem a esperar.

VISITA DE CAMARADAGEM AO C. E. 1 DE CASTELO BRANCO (LICEU)

É, já, no próximo dia 2 de Junho que terá lugar a retribuição da visita que nos fizeram este mês os dirigentes e filiados de C. Branco.

A representação dos Centros far-se-á acompanhar dos nossos conjuntos coral e instrumental.

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

No dia 3 de Junho será inaugurada a exposição de trabalhos realizados ao longo do ano pelos filiados e filiadas. Todos nós estamos certos que esta exposição terá o nível e interesse das anteriores.

semana do ultramar

A Semana do Ultramar tem entre muitas outras finalidades dar-nos uma maior consciência das realidades ultramarinas.

Estão previstas as seguintes sessões:

Casa da Mocidade — dia 5 de Junho, sendo oradores o rev. Doutor P.e Isidro Pereira, S. J., e o Dr. António Crespo de Carvalho.

Liceu — Dia 10 de Junho, sendo oradora a Directora do 2.º Ciclo Dr.ª D. Fernanda Aurea da Mota Leite e Cruz Gomes.

Escola Industrial e Comercial — Dia 10 de Junho, sendo oradora a Dr.ª D. Irene Gomes da Silva Leitão Portela.

«Chama» que desde o seu primeiro número vem dedicando ao Ultramar um carinho e interesse especiais tomou a iniciativa de mandar celebrar no dia 4 uma missa na Igreja de Santiago, pelas 18,30 horas, em sufrágio da alma de todos aqueles que caíram em terras de Além-Mar defendendo a integridade da Pátria.

«Afonso de Albuquerque»

Quando em Janeiro passado demos o nosso apoio à ideia dos filiados do C. E. 24 de Lisboa, para que a M.P. organizasse uma subscrição nacional com o fim de se comprar um novo barco de guerra a que fosse dado o nome de «Afonso de Albuquerque», sabíamos que as nossas palavras não iriam cair em mau terreno.

« Chama » publicará no próximo número o resultado desta campanha a que os alunos e alunas do Liceu, na companhia do Corpo docente, deram todo o apoio.

PASSATEMPO

A.³B.

Caras e casos do último número

(Ver número 9)

2.ª PAGINA

Rumo ao Campo

Quando o Bordadágua relata na quarta coluna a chumbada que apanhou o pobre do cachorro e o põe a «exclamar»:

CAIM, CAIM...

não reparou que o cão chamava «irmão mau»
ao pobre do Calhau (inté'rima)
E o cachorro ca mania qu'era Abel!

3.ª PAGINA

CONTO

A. K. K. Tóino Suneto Pitrarca

Noite límpida de Janeiro *(sem nuvens, claro)*. A lua com seus raios *(dela)* brilhantes iluminava toda a terra envolta em trevas *(apesar do luar)*. Uma geada fina matizava a natureza com seus cristais *(dela)* multicores. Por entre esta *sunética* paisagem surgiu lá longe, uma luzinha trémula, tão trémula *qu'inté parecia que tinha nervalhoso miudinho.*

Por entre o murmúrio incessante dos riachos *(que é que eles diziam?)*, agora transbordantes ouviam-se ao longe gritos angustiosos *(que é que queres, estavas-lhe a fazer cócegas...)*, gritos de morte que penetravam o mais íntimo do coração *(o mais íntimo do coração é a aurícula direita)*. Qual o mistério que envolvia esta noite que parecia tão calma?

Com passos incertos, como incerta foi sempre a minha vida *(tadinho, se calha é logo uma dúzia delas a atormentá-lo)*, dirigi-me ao local donde surgiam os choros, impulsionado por uma força estranha que eu não sei explicar *(era energia atómica concerteza)*. Corri montes, vales, montanhas *(Andaste por lá tanto tempo? Então chumbaste por faltas)*. Atravessei regatos que reflectiam nas suas águas a minha miserável figura *(faz-me lembrar o Fado da Desgraçadinha)*. Todavia os gritos pareciam fugir à medida que eu pretendia localizá-los. Finalmente quando menos esperava surge ante meus olhos uma cabana térrea, coberta de colmo, qual jóia perdida na imensidão duma floresta.

Entrei *para dentro.*

Num leito de folhas secas jazia uma jovem de cabelos louros *(ele sempre teve um fraco pelas loiras)* delirando com febre *marota*. A seu lado *(dela)* uma velhinha *de idade avançada*, debruçada sobre ela, chorava amargamente a sua infeliz sorte. Fiquei impressionado com semelhante quadro *(era pintura abstracta?)* e sem nada dizer saí *para fora* apressadamente. Nem uma nem outra deram pela minha presença *(se calhar estavam cos olhos fechados)* tal era a angústia que reinava naquela casa *(ou cabana?)*

De novo contemplei o céu *(atrás não disseste que tinhas olhado para lá)*. A lua parecia já não ser tão brilhante *(era uma nuvem de gafanhotos que passava)* e as estrelas trémulas pareciam também comovidas com tamanho sacrifício *e choravam lágrimas de alumínio (co imposto a prata está cara)*. Pus-me a caminho fugindo não sei de quê não sei para onde. As pernas tremiam-me, as forças faltavam-me *(tomou seu Toddy hoje?)*. Com grande esforço consegui reunir todas as minhas forças e continuei a avançar. Mas que ia eu fazer? De momento não sabia *(é de compreensão lenta)*. Corri a uma povoação chamei um médico e este a muito custo conseguiu curar a doente da cabana. Agradeci a Deus a sua bondade. A jovem quando me viu começou a sorrir docemente... e eu de repente acordei *com o susto louvando a Deus como pode haver neste mundo uma pessoa tão feia!! Tanto trabalho p'ra nada!*

8.ª PAGINA

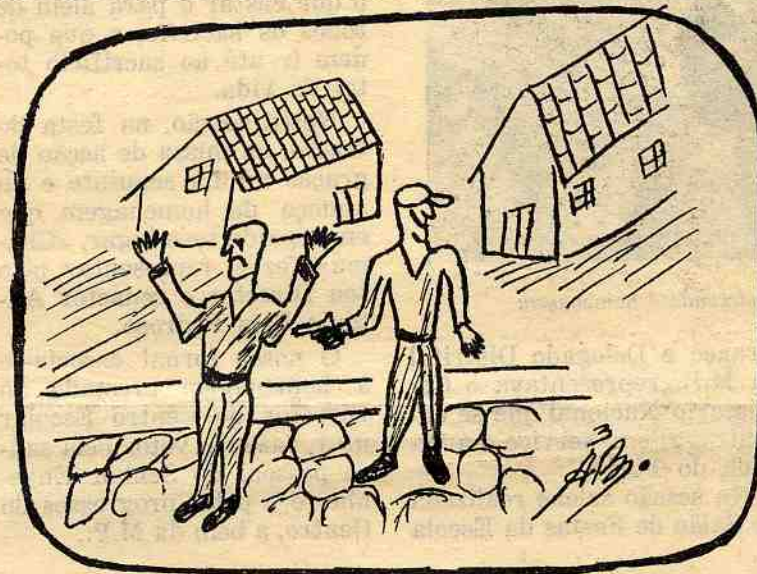
A Subdelegada Regional visitou a Casa da Mocidade

Na gravura olhando para o vale do Zêzere todos exclamam (e o fotógrafo cá de baixo entra no coro):

— Ai que «magavilha» de paisagem!

Homenagem ao Prof. Rosa Soares

Na gravura, sorridente, fita o embrulho e pensa:

— O que será? Concerteza é um violino em ponto pequeno.

VOZ DA GERAL:

— Eh pá! Olha que eu sou da Protectora dos Animais!

Secção de Consultas

O senhor X.I.X.I. (a culpa é dele que só usou as iniciais), depois de nos perguntar na sua amável carta se esta secção era mesmo de consultas, diz querer saber que espécie de isca nós aconselhamos para ir à pesca.

Pois senhor... (lá ia eu escrever aquela coisa de cima), esta secção é mesmo de consultas, mas como não tem havido *sultas* passou por uma secção de *sensultas*. Percebido?

Agora vamos à isca. Pois senhor... (mau! lá ia eu outra vez) a sua pergunta atrapalhou-nos. É que o senhor não especificou a que espécie de pesca deseja ir.

Vamos por partes. Se o senhor quiser ir à pesca delas, tem que arranjar um chapèuzinho com uma pena toda liró; lá diz a cantiga «sem chapéu não cai nenhuma». Se quiser ir pescar brutas, perdão trutas, dirija-se hoje mesmo ao seu fornecedor habitual.

Finalmente se desejar ir pescar botas e sapatos velhos (há quem se dedique a esta modalidade) isto para nós é que é um par de botas, pois não conhecemos isca adequada, a não ser que o senhor X.I.X.I. queira mergulhar molhando as excelentíssimas trombas pois deve andar necessitado dum banho...

Respondido.

Estamos sempre à disposição dos nossos leitores para lhes resolver os problemas que se lhes levantem. As perguntas devem ser entregues à redacção da «Chama».

MIRADOURO

(Crónica muito crónica)

Segunda, Terça, Quarta,
Quinta, Sexta, Sábado
Domingo
Vai a malta pró Fundão.
Sete dias na semana
e as coisas não mudarão.
Segunda Feira — levam-se originais
Na Terça Feira — volta-se a levar mais
Na Quarta Feira — vão-se levar as provas
Na Quinta Feira — levam-se umas co'sas novas
Na Sexta Feira — levam-se coisas a mais
E no Sábado — vão mais provas
E ao Domingo — quem é que paga a conta?
Segunda, Terça ....

Anedota

Um árabe *grosso* e com uma garrafa vazia na mão, prostrado, exclamava:

— Alá! Alá!

Respondeu-lhe o Maomé lá de cima:

— Não há, pá. A garrafeira está vazia.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1—Rancor; desgraça; fruto; 2—pronome pessoal; ligação; existir; 3—lega; une; implora; 4—latejaras; 5—deus egípcio; compaixão; antes de Cristo; sadia; 6—acolá; arco; 7—cidade suméria; espécie de anuro; marca de tabaco; estuda; 8—adular; 9—gosta; unida; rio da Suiça; 10—lista; afirmação; grupo; 11—partida; reza; gritos de dor.

VERTICAIS: 1—Cheiro pestilento; joeirara; 2—união; rio da Suiça; pouco consistente; 3—honesto; projéctil; 4—acrescentara; 5—espaço entre células vegetais; abaixo; 6—eleve; ligar; 7—mentira; berra; 8—aceita; 9—costumes; espécie; 10—observar; estrela; acolá; 11—ave esmelhante ao papagaio; pátios.

Homenagem ao Engenheiro Melo e Castro

Nos dias 5 e 6 de Maio foi prestada ao Sr. Eng. Melo e Castro, Director da Escola Comercial e Subdelegado Regional da M.P., uma grande e sincera homenagem em comemoração dos seus 25 anos de Director do C. E. n.º 1.

Nesses dias não teve o Sr. Eng. Melo e Castro ùnicamente a seu lado os antigos e actuais filiados do seu Centro, mas sim a presença do Governo da Nação representado por Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional, dos mais altos Dirigentes da M.P. na Beira Baixa, das Autoridades do Distrito e concelhias e de muitos antigos alunos que passaram ao longo destes anos pela Escola Comercial e Industrial «Campos Melo».

O Sr. Dr. Catanas Diogo, Reitor do Liceu de Castelo Branco e Delegado Distrital da M.P. representava o Comissário Nacional que se encontrava em serviço na cidade do Porto.

O Eng. Melo e Castro agradecendo a homenagem

Na sessão solene realizada no Salão de Festas da Escola Comercial e a que presidiu o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Doutor Carlos Eduardo Soveral, pôde ver o Sr. Eng. Melo e Castro de todos os oradores que usaram da palavra o quanto é querido e estimado e como todos têm reconhecido a sua obra em prol da juventude covilhanense.

O Sr. Subsecretário falando no encerramento dessa sessão fez o elogio do homenageado e apontou a palavra de ordem para o momento presente — fidelidade, custe o que custar e para além de todos os sacrifícios que podem ir até ao sacrifício total da vida.

Nesta sessão, na festa do teatro, na missa de acção de graças no dia seguinte e no almoço de homenagem que em seguida teve lugar, «Chama» fez-se representar pelo seu Director e redactor António Reis Pedroso.

O nosso jornal associa-se à homenagem prestada ao Director do Centro Escolar n.º 1, fazendo votos pela saúde pessoal do Senhor Engenheiro e pelos progressos do Centro, a bem da M.P..

C. F. CELSO SILVA

Chegou há poucos dias a Lisboa este graduado, que foi comandante do Corpo Provincial de Graduados da India Portuguesa. Concluiu o 7.º ano, já depois da invasão, tendo conseguido abandonar aquele território a fim de regressar para junto de seus pais, continuando portanto, dentro de dias, viagem para Lourenço Marques.

CHAMA saúda na pessoa do C. F. Celso Silva todos os Graduados e Filiados da Divisão da India, irmãos nossos para sempre e, duma maneira especial os filiados do Centro de Milícia que se ofereceram no Comando Militar prontos a defenderem a sua terra, prontos a lutar pelos ideais sãos de que estavam possuídos. Orgulhamo-nos de tais FILIADOS.

Castelo Branco VISITOU-NOS

Reportagem de João Manoel Martinho

Dia 16 de Maio! Um grande e alegre dia para o nosso Centro! Desde manhã que já se vivia na espectativa da festa que nessa tarde teria lugar e que mais vinha estreitar os laços de amizade e camaradagem entre o C. E. 1 de Castelo Branco e 2 da Covilhã.

Era o dia de visita, da ansiosamente esperada visita dos colegas albicastrenses onde contamos tantos amigos e onde se encontram muitos antigos companheiros nossos.

A CHEGADA

Foi pelas 15 h. 30 m. que chegou ao Jardim de São Francisco o autocarro da amiga embaixada de Castelo Branco.

Ao encontro dos visitantes dirigiram-se o Director Adjunto do Centro, Director do Centro Especial de SKY e Montanhismo, Comandante de Instrução, Chefe da Secção de Camaradagem, Comandante do Curso de Chefes de Quina e algumas filiadas da M.P.F.

Acompanhavam o nosso Delegado Distrital a sr.ª D. Maria Berta Pimenta, dirigente da M. P. F,. o Director do C. E. 1 de Castelo Branco e o Dr. Frade Correia.

O Director do nosso Centro que aguardava na Reitoria a simpática e amiga embaixada apresentou aos ilustres visitantes os seus cumprimentos de boas-vindas.

A SESSÃO SOLENE

No ginásio do Liceu realizou-se seguidamente, uma sessão a que presidia o Delegado Distrital ladeado pelo sr. Reitor do Liceu; Subdelegada Regional da M.P.F., Director do C. E. N.º 1 de Castelo Branco; Dr.ª D. Ma-

(CONTINUA NA PÁGINA NOVE)

Dois Centros unidos por fortes laços de camaradagem, caminho para educação sã